

IEB-0269 – A Formação do Estado Brasileiro: Projetos, Políticas e Tensões (1822-1889)

Aula 06 – A tributação na economia mineratória







Portugal e a busca por ouro

- ▶ A revolução de Avis e a busca por fortalecimento da dinastia
- ▶ As rotas comerciais no norte da África: riqueza e grande afluxo de metais
- ▶ A conquista de Ceuta
- ▶ O Preste João, Monomotaba, o Eldorado e a lenda do Sabaraboçu



MADEIRA ISLANDS (PORTUGAL)
Funchal

CANARY ISLANDS (SPAIN)
Las Palmas

Western Sahara

MAURITANIA
Nouakchott

CAPE VERDE
Prala

SENEGAL
Dakar

THE GAMBIA
Banjul

GUINEA-BISSAU
Bissau

GUINEA
Conakry

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro

MOROCCO
Rabat
Casablanca
Fes
Marrakech

ALGERIA
Algiers

LIBYA
Tripoli

MAURITANIA
Nouadhibou

NIGER
Niamey

MALI
Bamako

BURKINA FASO
Ouagadougou

GHANA
Accra

TOGO
Lomé

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro

ALGERIA
Algiers

TUNISIA
Tunis

LIBYA
Tripoli

MAURITANIA
Nouadhibou

NIGER
Niamey

MALI
Bamako

BURKINA FASO
Ouagadougou

GHANA
Accra

TOGO
Lomé

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro

ALGERIA
Algiers

TUNISIA
Tunis

LIBYA
Tripoli

MAURITANIA
Nouadhibou

NIGER
Niamey

MALI
Bamako

BURKINA FASO
Ouagadougou

GHANA
Accra

TOGO
Lomé

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro

ALGERIA
Algiers

TUNISIA
Tunis

LIBYA
Tripoli

MAURITANIA
Nouadhibou

NIGER
Niamey

MALI
Bamako

BURKINA FASO
Ouagadougou

GHANA
Accra

TOGO
Lomé

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro

ALGERIA
Algiers

TUNISIA
Tunis

LIBYA
Tripoli

MAURITANIA
Nouadhibou

NIGER
Niamey

MALI
Bamako

BURKINA FASO
Ouagadougou

GHANA
Accra

TOGO
Lomé

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro

ALGERIA
Algiers

TUNISIA
Tunis

LIBYA
Tripoli

MAURITANIA
Nouadhibou

NIGER
Niamey

MALI
Bamako

BURKINA FASO
Ouagadougou

GHANA
Accra

TOGO
Lomé

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro

ALGERIA
Algiers

TUNISIA
Tunis

LIBYA
Tripoli

MAURITANIA
Nouadhibou

NIGER
Niamey

MALI
Bamako

BURKINA FASO
Ouagadougou

GHANA
Accra

TOGO
Lomé

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro

ALGERIA
Algiers

TUNISIA
Tunis

LIBYA
Tripoli

MAURITANIA
Nouadhibou

NIGER
Niamey

MALI
Bamako

BURKINA FASO
Ouagadougou

GHANA
Accra

TOGO
Lomé

SIERRA LEONE
Freetown

LIBERIA
Monrovia

COTE D'IVOIRE
Yamoussoukro



ZARÆ vel DESERTI BARBARIAS
DULCIN Arabes
ZANAGA DÉSERTUM
AZARAND
DESERTUM
CYBER D'afertum
GOUROUR R.
Latiiti
CANE M
ZEGEE
REGI

DERVECHENSES
GUALATA R.
BENAYIS habitatum
Paludofici
MARENIA LACUS
TOMBUT
TOMECA
INFERIOR vel ANTERIO
GHANA R. quod idem
CASENA
LAMEM

ÆTHIOPIA
MAURIS
IOEUM
REGNUM GUALOP
MORIANI
SALON
OULIE
CANTOR REGNUM
MALLI REGNUM
MINDING A TERRA
GADUA
LIOTAGA
MANDINGAR
BAMBARA POP.
TERRA NIGRITARUM
INCIGNITA et ut volunt DESERTA
ULteriopa Guinea

REGNUM GUALOP
MORIANI
SALON
OULIE
CANTOR REGNUM
MALLI REGNUM
MINDING A TERRA
GADUA
LIOTAGA
MANDINGAR
BAMBARA POP.
TERRA NIGRITARUM
INCIGNITA et ut volunt DESERTA
ULteriopa Guinea

REGNUM GUALOP
MORIANI
SALON
OULIE
CANTOR REGNUM
MALLI REGNUM
MINDING A TERRA
GADUA
LIOTAGA
MANDINGAR
BAMBARA POP.
TERRA NIGRITARUM
INCIGNITA et ut volunt DESERTA
ULteriopa Guinea

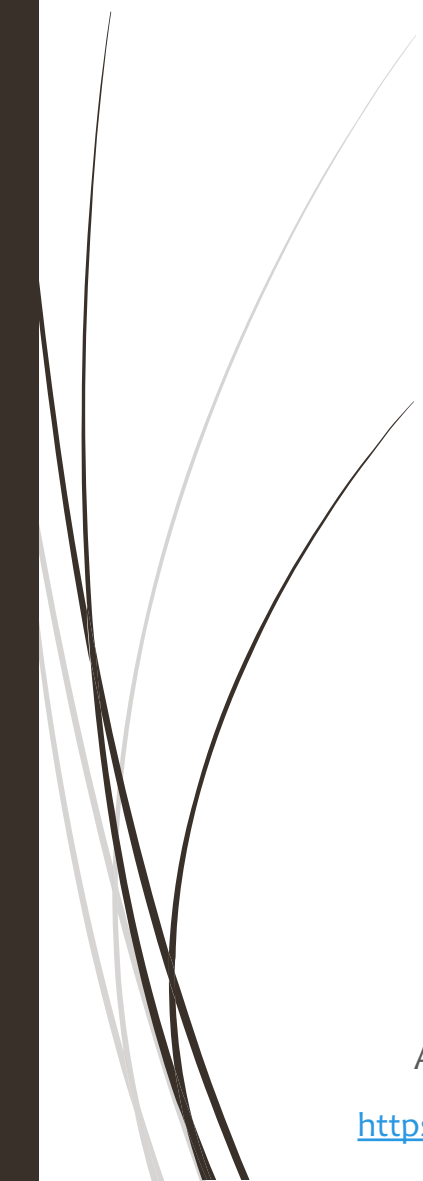

REGNUM GUALOP
MORIANI
SALON
OULIE
CANTOR REGNUM
MALLI REGNUM
MINDING A TERRA
GADUA
LIOTAGA
MANDINGAR
BAMBARA POP.
TERRA NIGRITARUM
INCIGNITA et ut volunt DESERTA
ULteriopa Guinea

REGNUM GUALOP
MORIANI
SALON
OULIE
CANTOR REGNUM
MALLI REGNUM
MINDING A TERRA
GADUA
LIOTAGA
MANDINGAR
BAMBARA POP.
TERRA NIGRITARUM
INCIGNITA et ut volunt DESERTA
ULteriopa Guinea

REGNUM GUALOP
MORIANI
SALON
OULIE
CANTOR REGNUM
MALLI REGNUM
MINDING A TERRA
GADUA
LIOTAGA
MANDINGAR
BAMBARA POP.
TERRA NIGRITARUM
INCIGNITA et ut volunt DESERTA
ULteriopa Guinea

REGNUM GUALOP
MORIANI
SALON
OULIE
CANTOR REGNUM
MALLI REGNUM
MINDING A TERRA
GADUA
LIOTAGA
MANDINGAR
BAMBARA POP.
TERRA NIGRITARUM
INCIGNITA et ut volunt DESERTA
ULteriopa Guinea

REGNUM GUALOP
MORIANI
SALON
OULIE
CANTOR REGNUM
MALLI REGNUM
MINDING A TERRA
GADUA
LIOTAGA
MANDINGAR
BAMBARA POP.
TERRA NIGRITARUM
INCIGNITA et ut volunt DESERTA
ULteriopa Guinea



Se não se sabia, onde verdadeiramente imperava o potentado cristão, a certeza havia da sua existência. E dizia-se, contava-se e acreditava-se que o seu império era a terra onde os sonhos saem certos, que ali brotava a Fonte da Mocidade e corriam rios de pedras preciosas e de leite e de mel. Abundavam o ouro e as especiarias. Existia lá a pedra mágica que dava vista aos cegos e tornava os homens invisíveis. Havia lá animais extraordinários como nunca ninguém vira. Era o Preste João, fabulosamente rico e os seus vestidos tecidos por salamandras (o animal que o fogo não queimava) eram em fogo lavados. Andava num carro feito de esmeraldas. Morava num palácio maravilhoso, e dispunha dum espelho mágico onde, num relance, podia ver tôdas as suas terras. Pagavam-lhe tributo setenta soberanos. Serviam-no constantemente sete reis, sessenta duques, trezentos e sessenta condes e inúmeros fidalgos e cavaleiros. Sentavam-se trinta arcebispos à sua direita e vinte bispos à esquerda. Tinha um arcebispo por mordomo, um arquiandrita por comandante da cavalaria, um rei-bispo por copeiro e um rei-abade por cozinheiro. Além de tão poderoso e rico, o Preste João era perfeito, portanto humilde da sua pessoa, tão humilde que apenas queria o título de padre. Na guerra precediam-no treze cruces de ouro, e, cada uma delas, era seguida por dez mil cavaleiros e cem mil homens a pé. No seu império não havia pobres, nem ladrões, nem assassinos, nem aventos, não havia gente falsa e lisongeira, todos diziam a verdade; não existia o vício.

ALVARES, Francisco. Verdadeira informação das terras do Preste João das Índias.. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889. Disponível em

<https://ia802606.us.archive.org/16/items/verdadeirainformooalvauoft/verdadeirainformooalvauoft.pdf>.



Caminho do Sabaraboçu

Um brilho no topo da Serra da Piedade fez alguns viajantes imaginarem ouro. Na realidade, era minério de ferro.





Do açúcar ao ouro

Da crise do açúcar à descoberta do ouro nas Minas Gerais



Os paulistas

- ▶ As bandeiras de apresamento permitem o desbravamento do território
- ▶ Do apresamento à pesquisa mineral: estímulos da Coroa; escassez do elemento indígena; crise do açúcar
- ▶ Política metropolitana: Furtado versus Romeiro
- ▶ Conhecimento técnico dos paulistas: Furtado versus Zemella



Furtado versus Romeiro

Para um observador de fins do século XVII, os destinos da colônia deveriam parecer incertos. Em Portugal compreendeu-se claramente que a única saída estava na descoberta de metais preciosos. Retrocedia-se, assim, à ideia primitiva de que as terras americanas só se justificavam economicamente se chegassem a produzir os ditos metais.



Furtado versus Romeiro

Em fins do século XVII, a tão almejada descoberta do ouro nos sertões dos Cataguases tomou Portugal de surpresa. Bem diferente do que afirmam alguns historiadores, o evento suscitou receio e temor nos dois lados do Atlântico, afigurando-se às autoridades, funcionários e conselheiros régios uma séria ameaça ao domínio português na América Portuguesa.



Furtado versus Zemella

O paulista, além de hábil sertanista, possuía alguns conhecimentos técnicos que o habilitaram a ser o descobridor do ouro, pois já tinha alguma experiência na extração de ouro de lavagem nas minas do Jaraguá, Paranaguá, e outras.



Furtado versus Zemella

[...] o ano de 1674 é o momento culminante da bandeira pesquisadora. Foi quando entrou para o sertão a bandeira de Fernão Dias Pais, bandeira essa que abriu largamente as portas da região aurífera, facilitando o caminho para as minas, pontilhando-o de roças. [...] A primeira notícia oficial da descoberta do ouro deve-se a Antônio Rodrigues Arzão que, partindo de Taubaté, colheu o metal precioso nos sertões do Rio Casca, em 1693.



O relato de Antonil

Há poucos anos que se começaram a descobrir as minas gerais dos Cataguás, governando o Rio de Janeiro Artur de Sá. E o primeiro descobridor dizem que foi um mulato que tinha estado nas minas de Paranaguá e Curitiba. Este, indo ao sertão com uns paulistas a buscar índios, e chegando ao cerro Tripuí desceu abaixo com uma gamela para tirar água do ribeiro que hoje chamam Ouro Preto, e, metendo a gamela na ribanceira para tomar água, e roçando-a pela margem do rio, viu depois que nela havia granitos da cor do aço, sem saber o que eram [...]

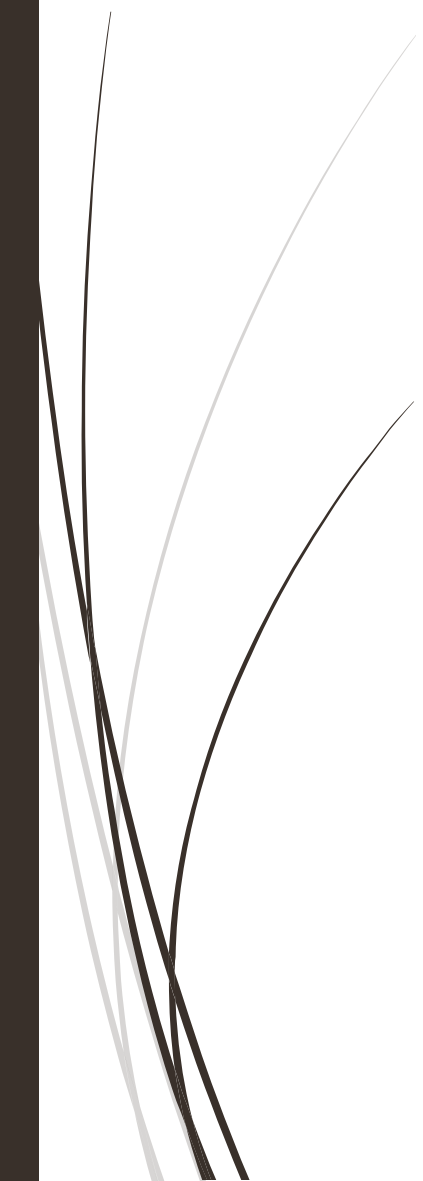


O relato de Antonil

Chegando porém em Taubaté, não deixaram de perguntar que casta de metal seria aquele. E, sem mais exame, venderam a Miguel de Souza alguns destes granitos [...] sem saberem o que vendiam, nem o comprador que coisa comprava, até que resolveram a mandar alguns dos granitos ao governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá; e, fazendo-se exame deles se achou que era ouro finíssimo.



Minas, 1700: zona de fronteira

- ▶ Região pouco povoada, violenta, dominada por bandos armados
 - ▶ Coroa: dificuldades em estabelecer o domínio político, que fica sob responsabilidade dos paulistas descobridores
 - ▶ Rápido crescimento populacional; esvaziamento de outras regiões da colônia e até mesmo do Reino
 - ▶ Crises de fome, escassez de alimentos e carestia dos gêneros de abastecimento
- 



Estimativas populacionais: Brasil

- ▶ 1600 Contreiras Rodrigues: 100.000 habitantes
- ▶ 1700 Celso Furtado: 300.000 habitantes
- ▶ 1800 Celso Furtado: 3.250.000 habitantes
- ▶ 1800 Giorgio Mortara: 3.660.000 habitantes



Estimativas populacionais: capitanias

Anos	Capitania	Habitantes
1786	MG	394.611
1782	PE	229.743
1780	BA	228.848
1780	RJ	215.678
1782	SP (inclui PR)	119.958

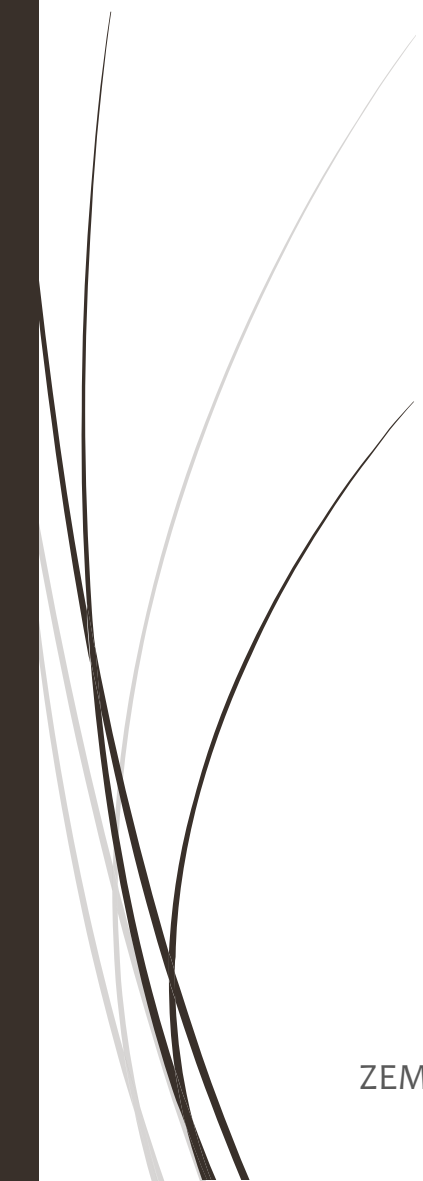

Giorgio Mortara estimou em 3.026.000 a população do Brasil em 1785; portanto, o dado de MG = c. 13%



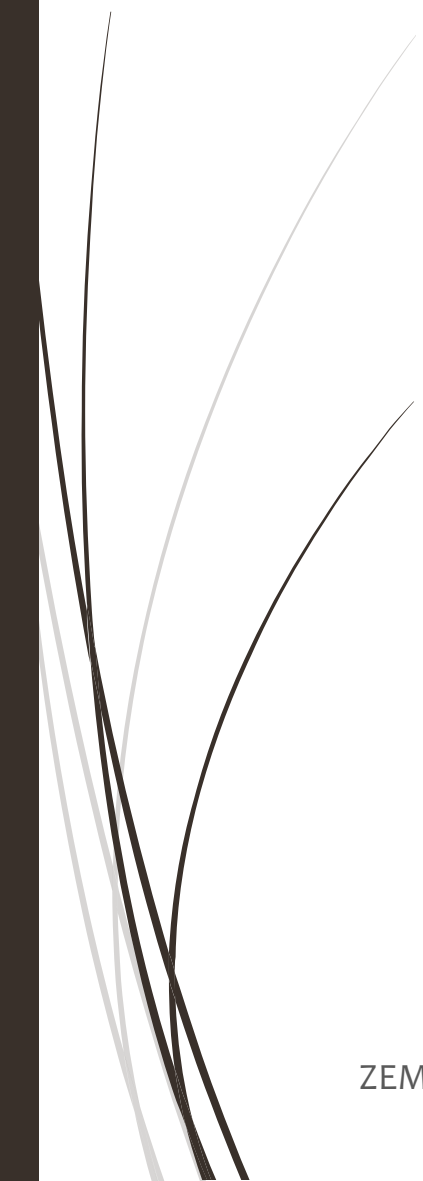

Estimativas: desembarque africanos no Brasil

Período	Africanos	Média anual
1531-1600	50.000	714
1601-1700	560.000	5.600
1701-1780	1.285.500	16.069
1781-1855	2.113.900	28.185

Estatísticas Históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988. 2.ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: IBGE, 1990, p. 58.



O vilarejo de Piratininga despojou-se da nata de seu potencial humano. Os elementos mais vigorosos e ativos emigraram. Transformou-se numa cidade fantasma, de janelas e portas fechadas, ruas desertas. O mesmo aconteceu a Taubaté, Guaratinguetá, Itu, Jacareí, Parnaíba, Santos e demais vilas vicentinas. Em sentido contrário, partida do Nordeste, outra corrente povoadora despejou-se nas Gerais.



Tantos foram os ambiciosos que correram em busca do ouro que surgiu o perigo de despovoar-se o Reino. [...] Calcula Augusto de Lima Jr. em cerca de 800.000 o número de reinóis que vieram para o Brasil, em menos de um século, por causa do fulvo metal. Este total é considerável, comparado à população diminutíssima do reino português que possuía, no início do século XVIII, cerca de 2.000.000 de habitantes.



O ouro das Gerais

A extração aurífera ao longo do tempo

PRODUÇÃO DE OURO NO BRASIL, SÉCULO XVIII (em Kg)

Total = c. 877.000 kg

Quinquênios	Minas Gerais	Goiás	Mato Grosso	Média anual
1700-1705	1.470	—	—	1.470
1706-1710	4.410	—	—	4.410
1711-1715	6.500	—	—	6.500
1716-1720	6.500	—	—	6.500
1721-1725	7.000	—	600	7.600
1726-1729	7.500	—	1.000	8.500
1730-1734	7.500	1.000	500	9.000
1735-1739	10.637	2.000	1.500	14.134
1740-1744	10.047	3.000	1.100	14.147
1745-1749	9.712	4.000	1.100	14.812
1750-1754	8.780	5.880	1.100	15.760
1755-1759	8.016	3.500	1.100	12.616
1760-1764	7.399	2.500	600	10.499
1765-1769	6.659	2.500	600	9.759
1770-1774	6.179	2.000	600	8.779
1775-1779	5.518	2.000	600	8.118
1780-1784	4.884	1.000	400	6.284
1785-1789	3.511	1.000	400	4.911
1790-1794	3.360	750	400	4.510
1795-1799	3.249	750	400	4.399



O ouro do Brasil

▶ Dados não incluem:

- ▶ a produção da Bahia (Jacobina, Rio das Contas, Araçuaí e Fanado; cuja produção deve ter alcançado centenas de arrobas), Paranaguá, Curitiba, São Paulo e Ceará
- ▶ Também não incluem o contrabando

▶ Majoritariamente ouro de aluvião



Exploração e povoamento

- ▶ Ocupação e povoamento: regulados pelas condições de exploração
 - ▶ Ouro de aluvião: lucros rápidos, estrutura mínima e uso intensivo da mão de obra
 - ▶ Tabuleiros: ouro nas margens dos rios
 - ▶ Grupiaras, gupiaras ou catas altas: ouro depositado nos cascalhos e margens altas dos rios
- ▶ Fase inicial: aluvião e tabuleiros (mais ou menos 30 anos de exploração)
- ▶ Grupiaras, gupiaras ou catas altas: fixação dos exploradores

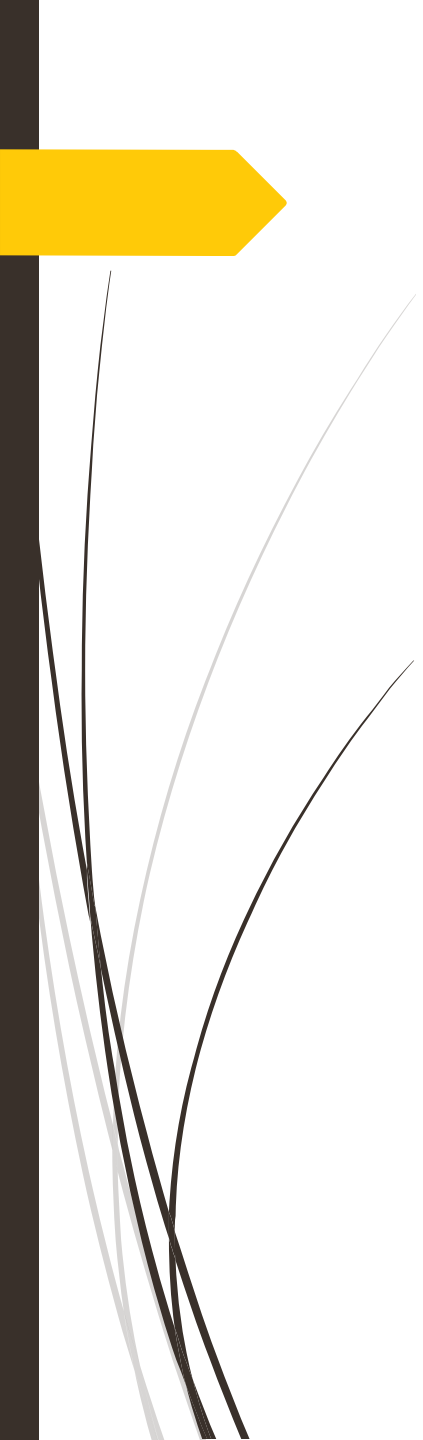




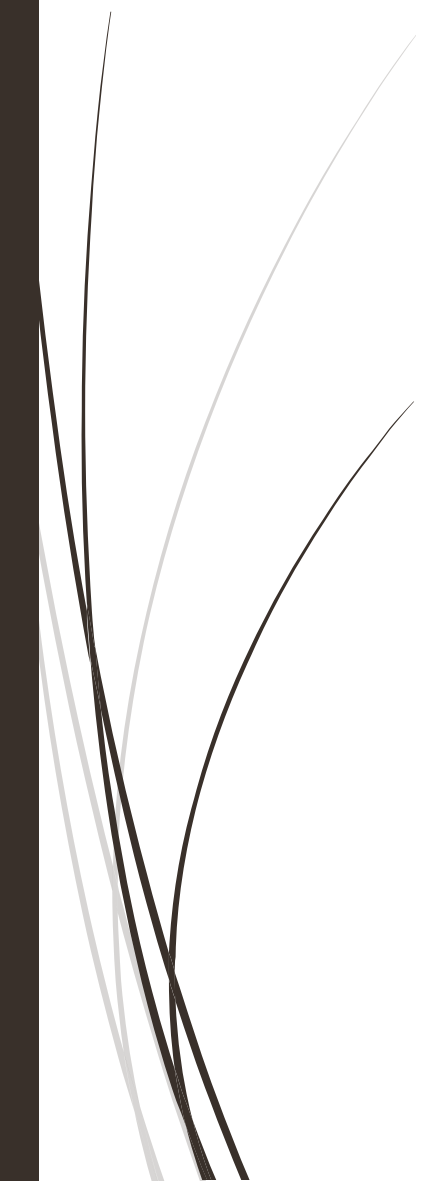



O abastecimento das Minas

- ▶ Comércio incentivado pelo alto preço alcançado pelos gêneros de abastecimento na região
- ▶ Bahia: importante nos primeiros anos, facilidade de comunicação
- ▶ São Paulo: fornecimento das “drogas da terra”, zona de articulação e passagem
 - ▶ Caminho Velho: viagem de 60 dias
 - ▶ Caminho Velho via Paraty: viagem de 30 dias
- ▶ Rio de Janeiro
 - ▶ O “Caminho Novo”: viagem de 10 a 12 dias
 - ▶ 1763: sede do Vice-Reinado
 - ▶ Importação e distribuição de escravos (pinga e tabaco)



Sendo a terra que dá ouro esterilíssima de tudo o que se há mister para a vida humana, e não menos estéril a maior parte dos caminhos das minas, não se pode crer o que padeceram ao princípio os mineiros por falta de mantimentos, achando-se não poucos mortos com uma espiga de milho na mão, sem terem outro sustento.



[...] tanto que se viu a abundância de ouro que se tirava e a largueza com que se pagava tudo o que lá ia, logo se fizeram estalagens e logo começaram os mercadores a mandar às minas o melhor que chega nos navios do Reino e de outras partes, assim de mantimentos como de regalo e de pomposo para se vestirem, além de mil bugiarias de França, que lá também foram dar.



Carestia



- ▶ 1719: 1@ de carne na Bahia - \$646, \$960, 1\$200
 - ▶ 1703 (Antonil): em Minas – 8\$000
- ▶ 1719: boi de corte na Bahia – de 1\$500 até 5\$000
 - ▶ 1703 (Antonil): em Minas – de 120\$000 a 150\$000

Outros preços relatados por Antonil

Gênero	Preço em oitavas de ouro	Preço em mil-réis
Boi	100	120\$000
Espiga de milho (60 espigas)	30	36\$000
Galinha	4	4\$800
Queijo flamengo	16	19\$200
Barrilote de aguardente	100	120\$000
Camisa de linho	4	4\$800
Espingarda bem feita e prateada	120	144\$000
Pistola prateada	40	48\$000
Negro bem feito, valente e ladino	300	360\$000
Negra ladina cozinheira	350	420\$000
Cavalo sendeiro	100	120\$000

OBS.: 1 oitava de ouro = 3,586 gramas = 1\$200. Durante o século XVIII a cotação da oitava de ouro variou entre 1\$200 e 1\$600. Preços em oitava de ouro extraídos de: ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967. (Coleção Roteiro do Brasil, vol. 2), pp. 267-269.



Quem abastecia as Minas?

▶ Bahia

- ▶ Importante nos primeiros anos
- ▶ Facilidade de comunicação
- ▶ Projeto Lencastro

▶ São Paulo

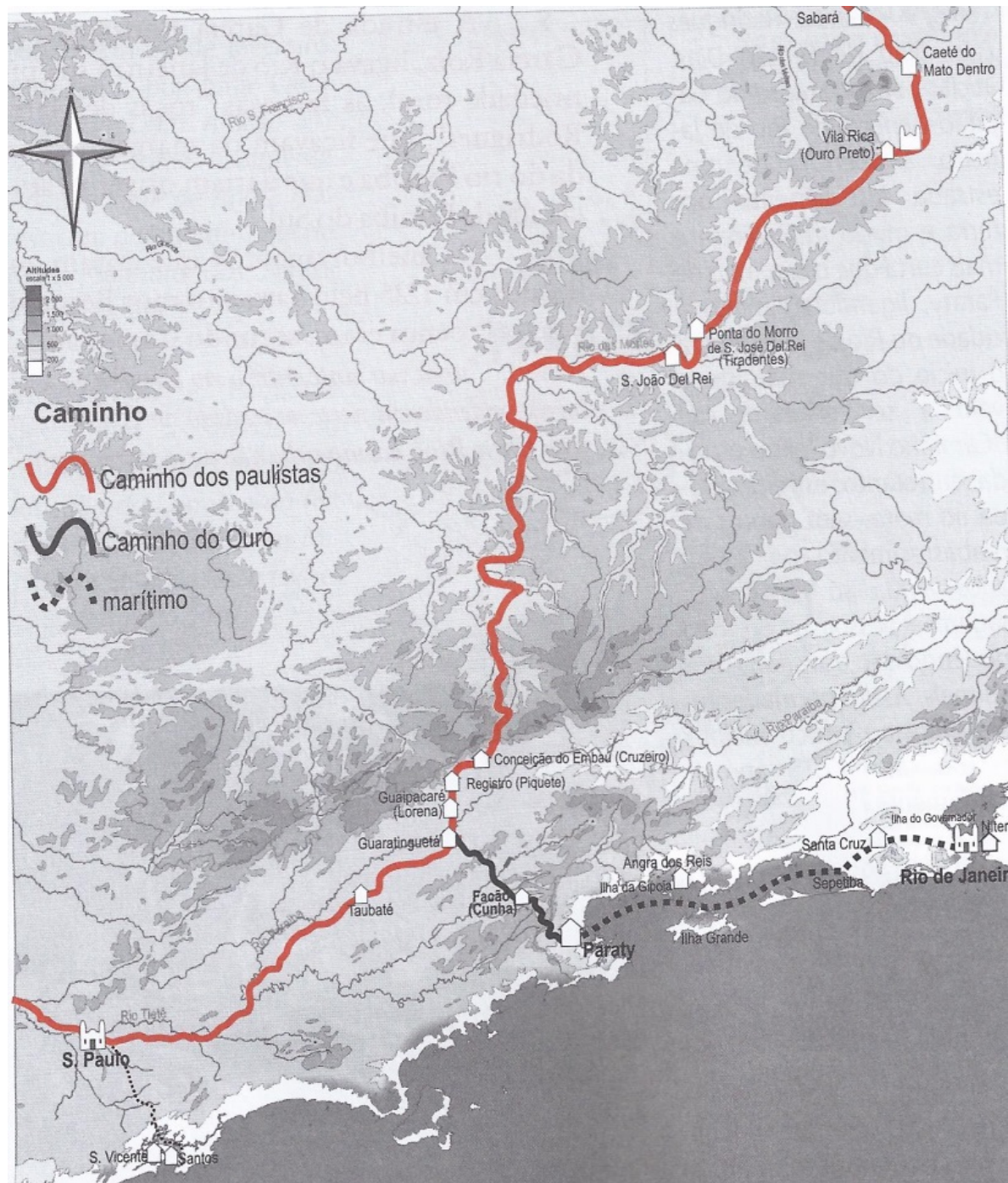
- ▶ As “drogas da terra”
- ▶ Produção própria e intermediação

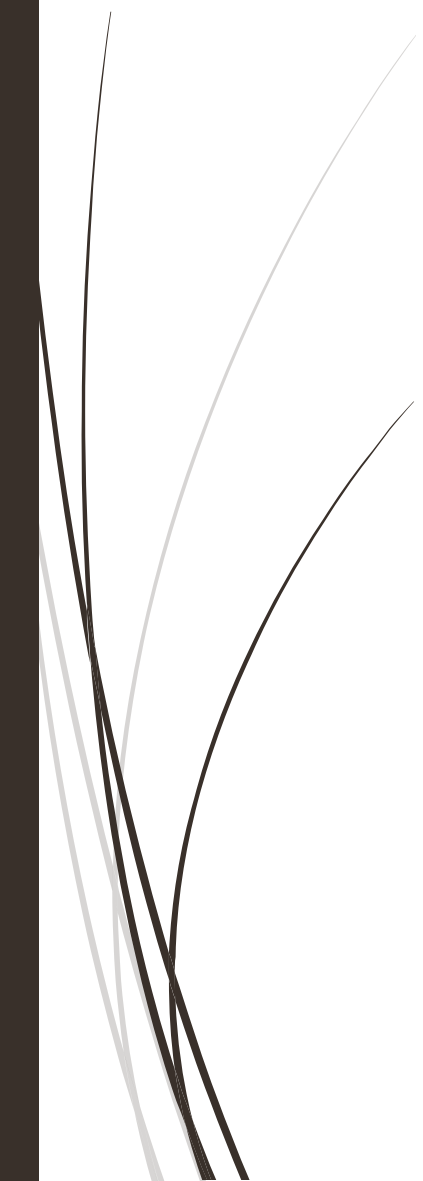

▶ Rio de Janeiro

- ▶ O “Caminho Novo”
- ▶ 1763: sede do Vice-Reinado
- ▶ Importação e distribuição de escravos (pinga e tabaco)

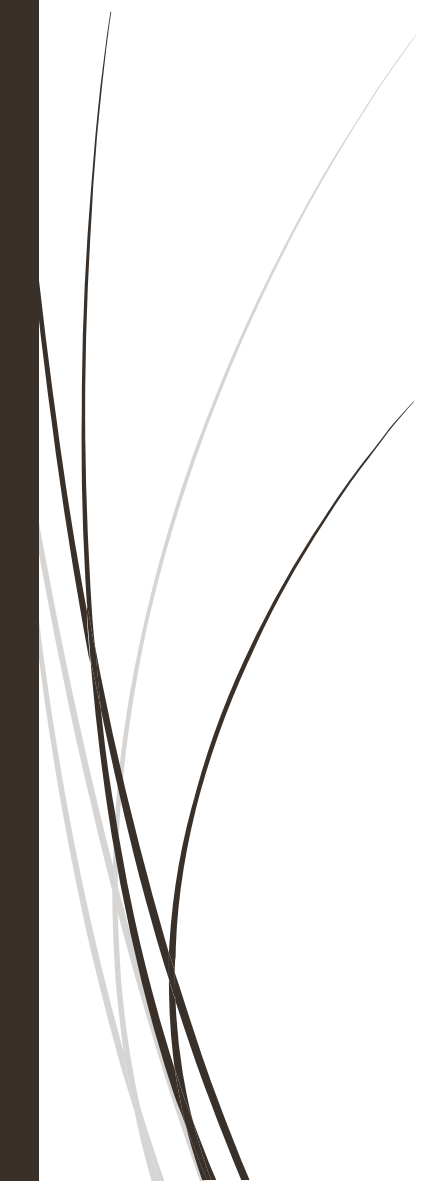

Caminho Velho

RIBAS, Marcos Caetano. História do Caminho do Ouro em Paraty. 3ª. Ed. Paraty: Contest Edições Culturais, 2012, p. 30.





Gastam comumente os paulistas, desde a vila de São Paulo até as minas gerais dos Cataguás, pelo menos dois meses, porque não marcham de sol a sol, mas até o meio-dia, e quando muito até uma ou duas horas da tarde, assim para se arrancharem, como para terem tempo de descansar e de buscar alguma caça ou peixe [...]

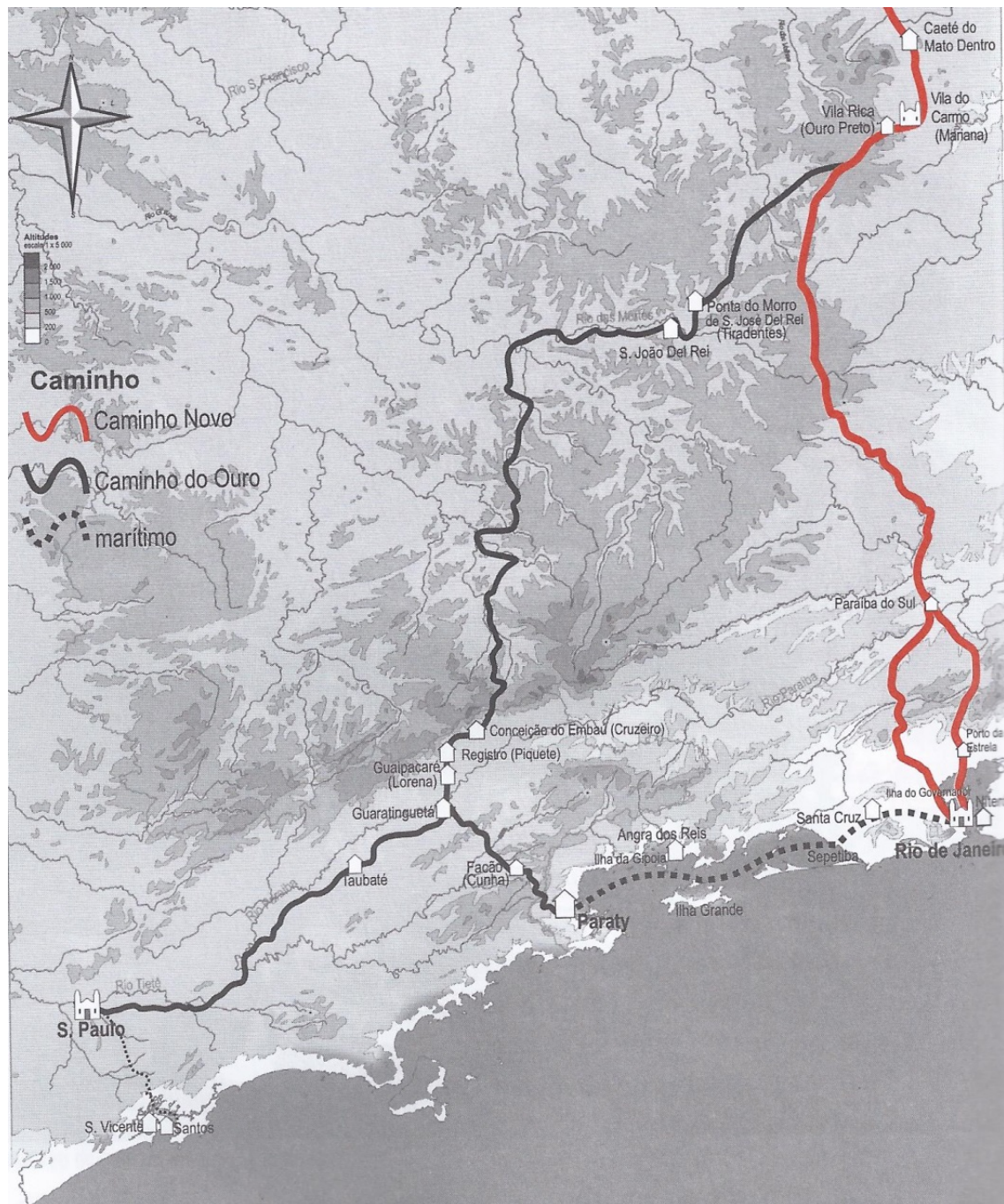



Em menos de trinta dias, marchando de sol a sol, podem chegar os que partem da cidade do Rio de Janeiro às minas gerais, porém raras vezes sucede poderem seguir esta marcha, por ser o caminho mais áspero que o dos paulistas.

[mas uma viagem do governador Artur de Sá por este caminho foi feita em 43 dias]

Caminho Novo

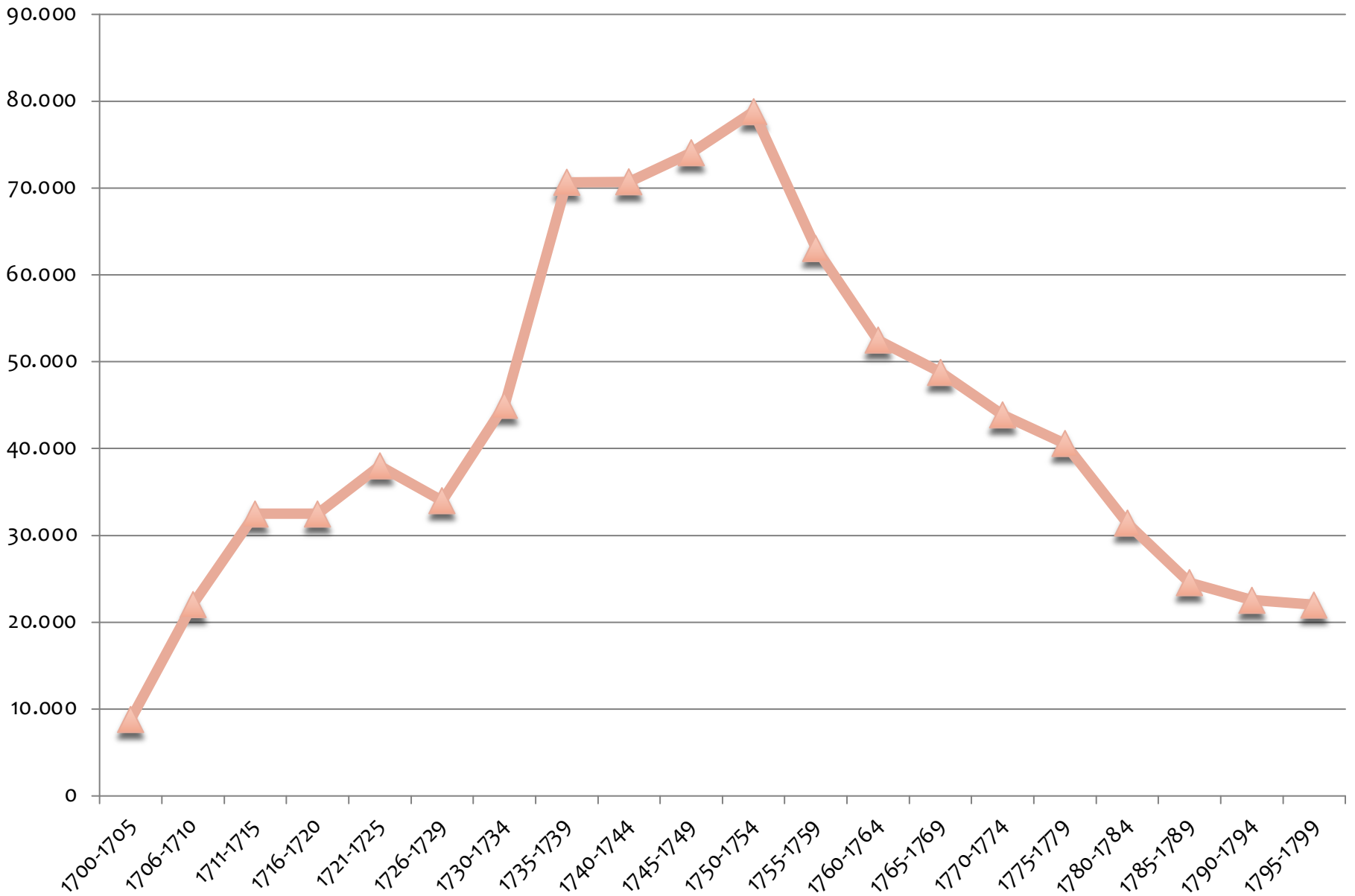
RIBAS, Marcos Caetano.
História do Caminho do
Ouro em Paraty. 3ª. Ed.
Paraty: Contest Edições
Culturais, 2012, p. 34.





*Partindo da cidade do Rio de Janeiro por terra com
gente carregada, e marchando à paulista [...]*

*[...] E todo o dito caminho se pode andar em dez até
doze dias, indo escoteiro quem for por ele.*




Extração de ouro no Brasil



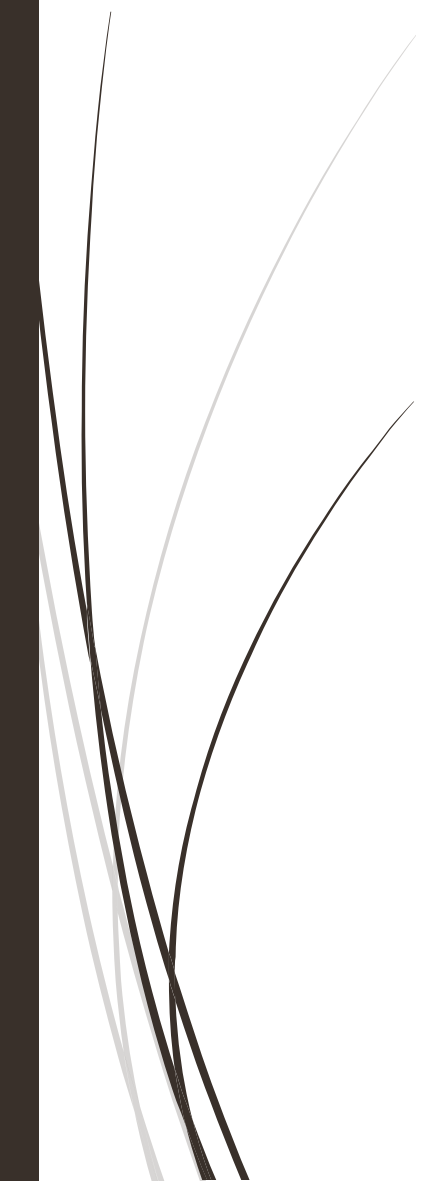

Tipos de exploração

- ▶ Ocupação e povoamento: regulados pelas condições de exploração
- ▶ Fase inicial: aluvião e tabuleiros (mais ou menos 30 anos de exploração)
- ▶ Grupiaras, gupiaras ou catas altas
 - ▶ Por volta de 1720 pouco sobrava nos rios, daí a exploração das margens mais altas
 - ▶ Fixação dos exploradores



Possibilidades de ascensão: açúcar versus ouro

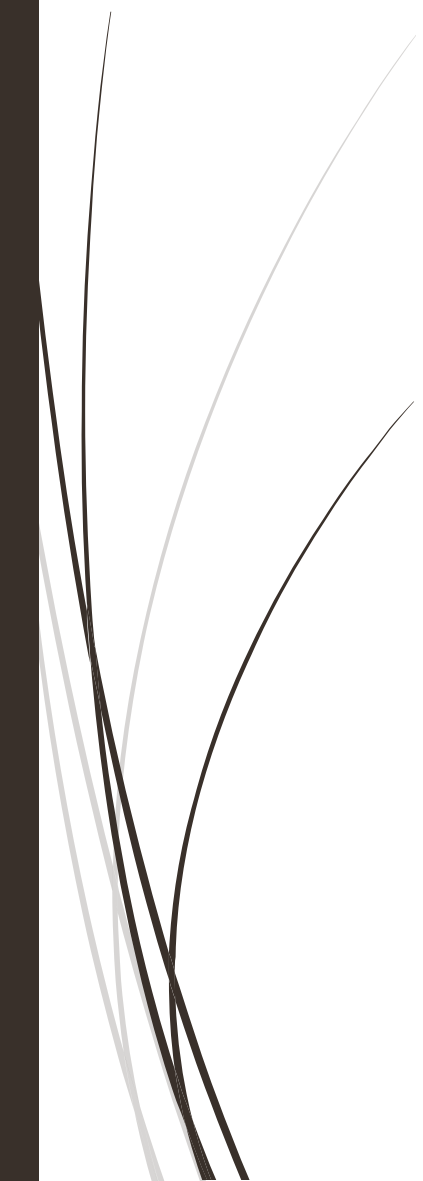
Os regimentos - Os faiscadores - Posse de escravos - Os forros escravistas

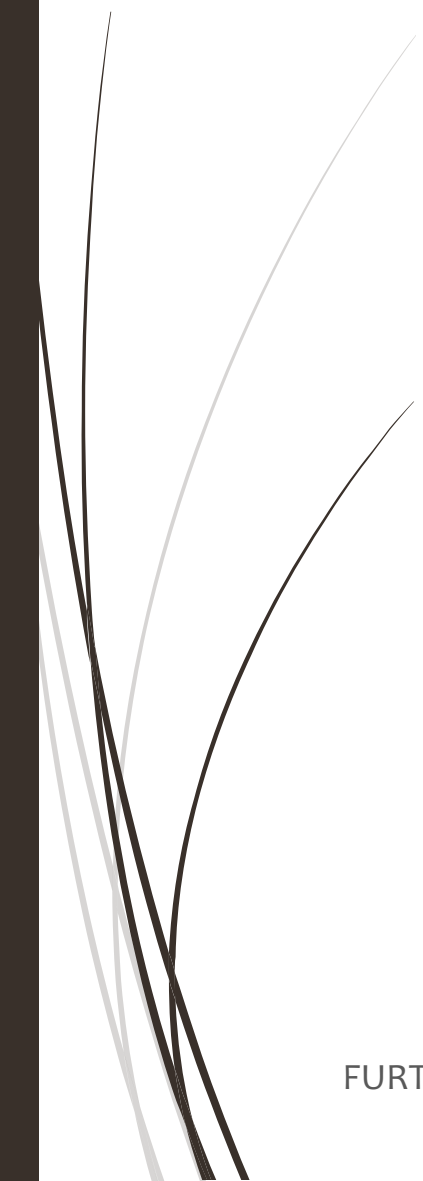



*Convidou a fama das minas tão abundantes do Brasil
homens de toda a casta e de todas as partes, uns de
cabedal, e outros, vadios.*

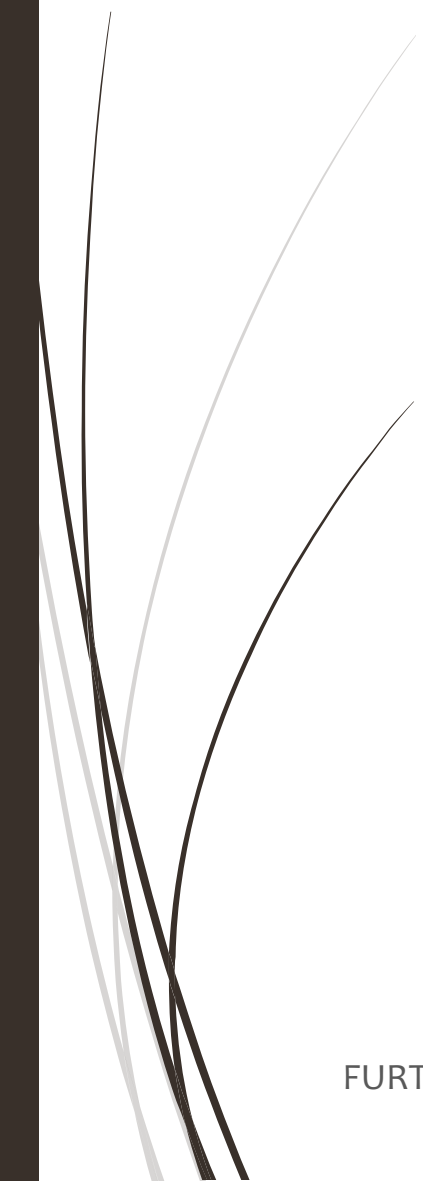



Açúcar versus Ouro

- ▶ Proporção entre brancos e escravos
 - ▶ Meio social mais complexo
 - ▶ Inserção de homens brancos despossuídos
 - ▶ Abertura para arranjos não tradicionais entre escravos e senhores
 - ▶ Possibilidades reais de mobilidade social
- 



Ao estagnar-se a economia açucareira, as possibilidades de um homem livre para elevar-se socialmente se reduziram ainda mais. Em consequência, começou a avolumar-se uma subclasse de homens livres sem possibilidade de ascensão social, a qual em certas épocas chegou a constituir um problema.

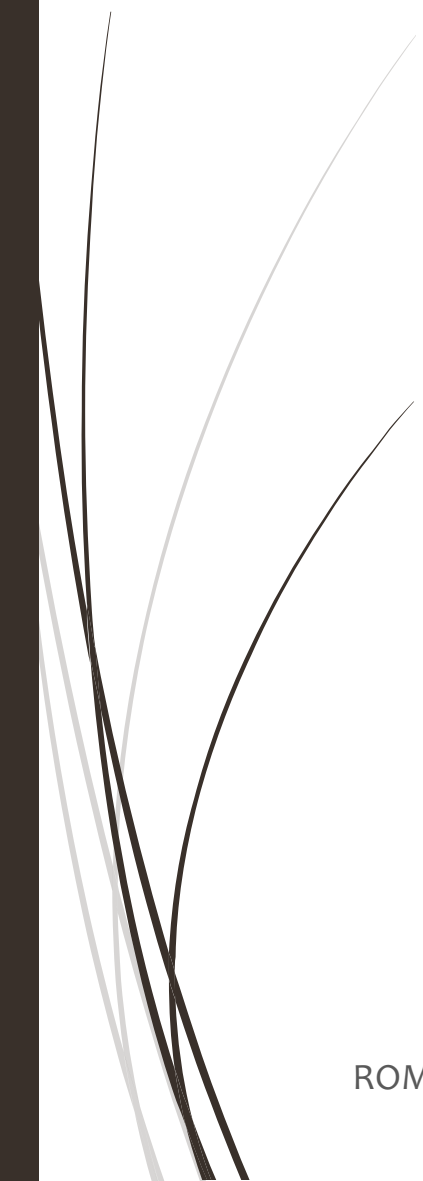



Na economia mineira, as possibilidades que tinha um homem livre com iniciativa eram muito maiores. Se dispunha de recursos, podia organizar uma ‘lavra’ em escala grande, com cem ou mais escravos. Contudo, o capital que immobilizava por escravo ou por unidade de produção era bem inferior ao que correspondia a um engenho real.

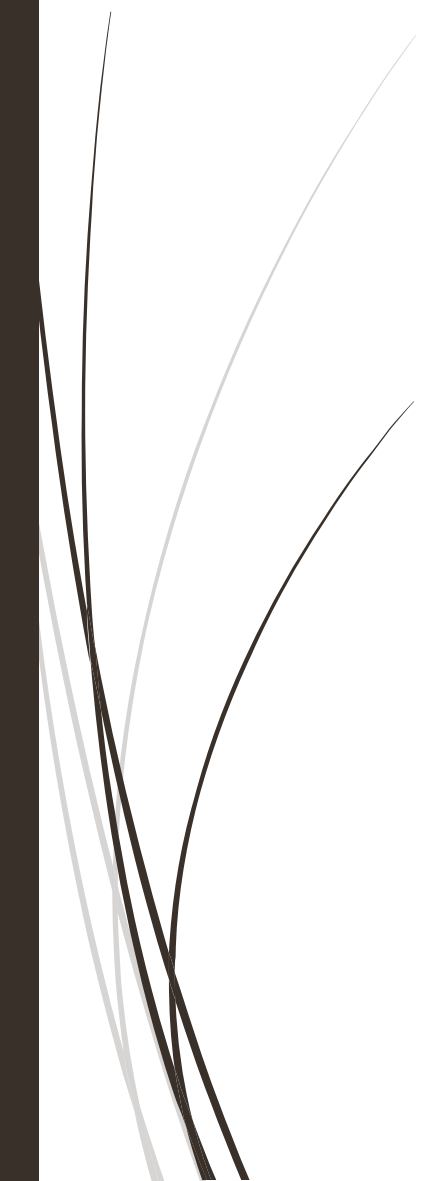



Os regimentos

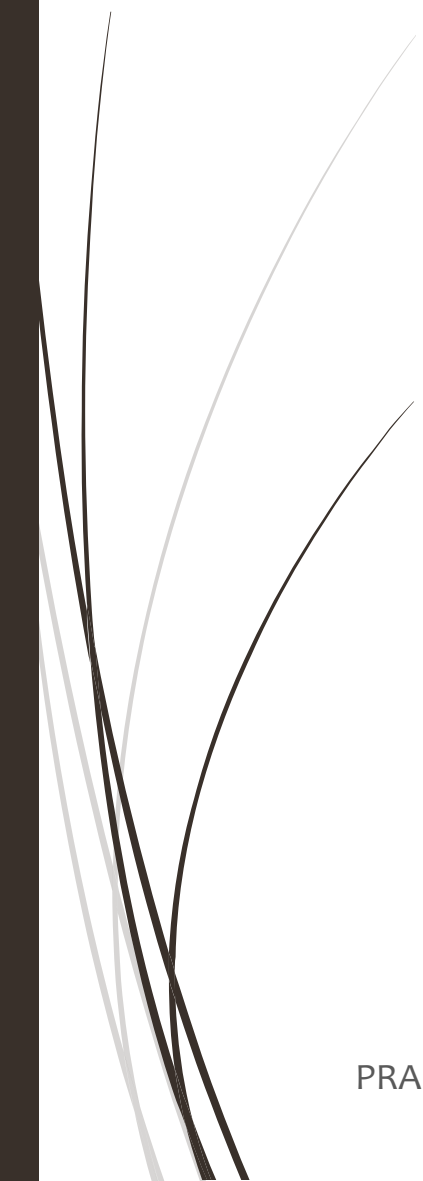

- ▶ O regimento de 1700: contemplava brancos pobres, inclusive sem escravos
- ▶ O regimento de 1702 excluiu essa possibilidade
- ▶ As terras passaram a ser divididas com base no número de escravos possuídos



[...] se lhes dará cinco braças de terra a cada um, onde lhe cair a sorte, como aos mais, porque não é razão que por serem pobres, percam a mercê que Sua Majestade faz a todos os seus vassallos [...]



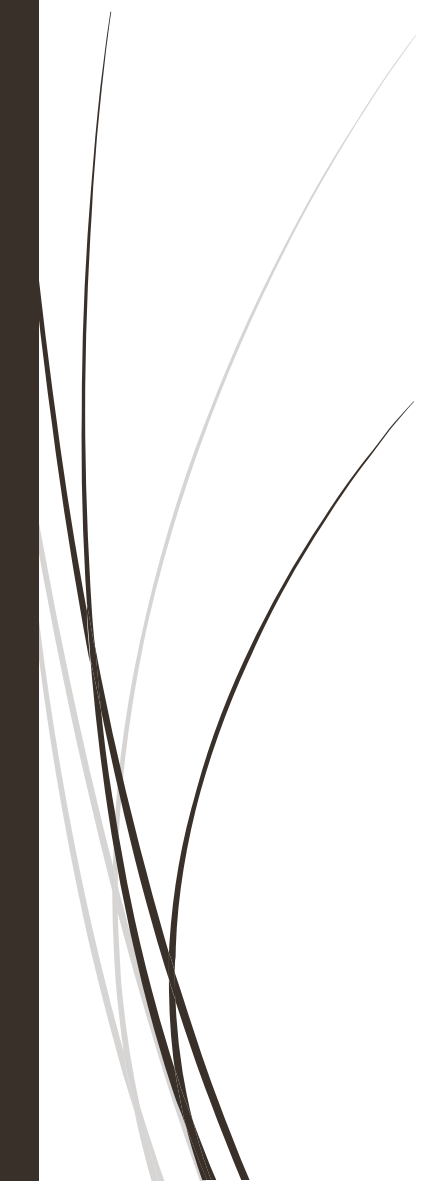
A defesa dos ‘pobres’ e a relativa igualdade de todos os mineradores, ocorrida na primeira fase da atividade aurífera, quando o metal extraía-se facilmente, amorteceu-se, provavelmente, à medida em que os trabalhos exigiam maior vulto e, portanto, indivíduos com elevados recursos materiais.

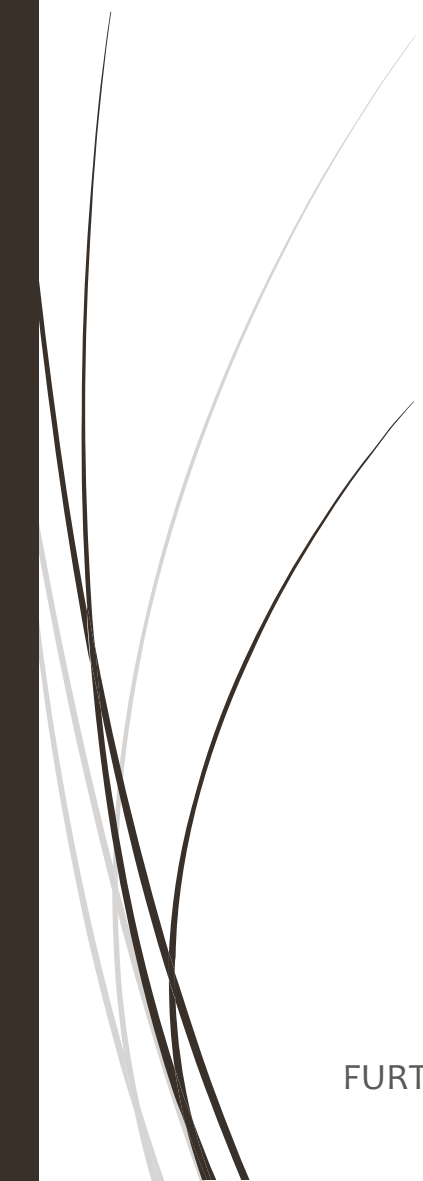



Na realidade, nada interessava senão o quinto: que fosse pago, por bem ou à força; tudo mais não tinha importância. Os mineiros que se arranjassem lá como fosse possível; porque em caso contrário havia as derramas, os confiscos, as masmorras do Limoeiro ou as deportações para a costa da África.”

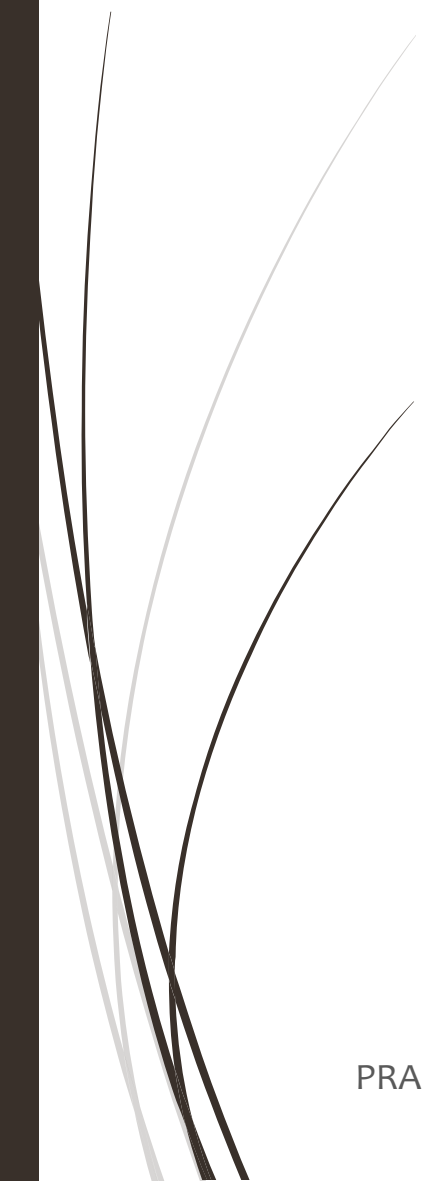



O faiscador

- ▶ Existem visões diferentes com relação ao papel do faiscador
 - ▶ Caio Prado: sinal de decadência
 - ▶ Celso Furtado: possibilidade de mobilidade econômica e social
 - ▶ Fontes documentais comprovam a maior complexidade da sociedade mineira setecentista
- 



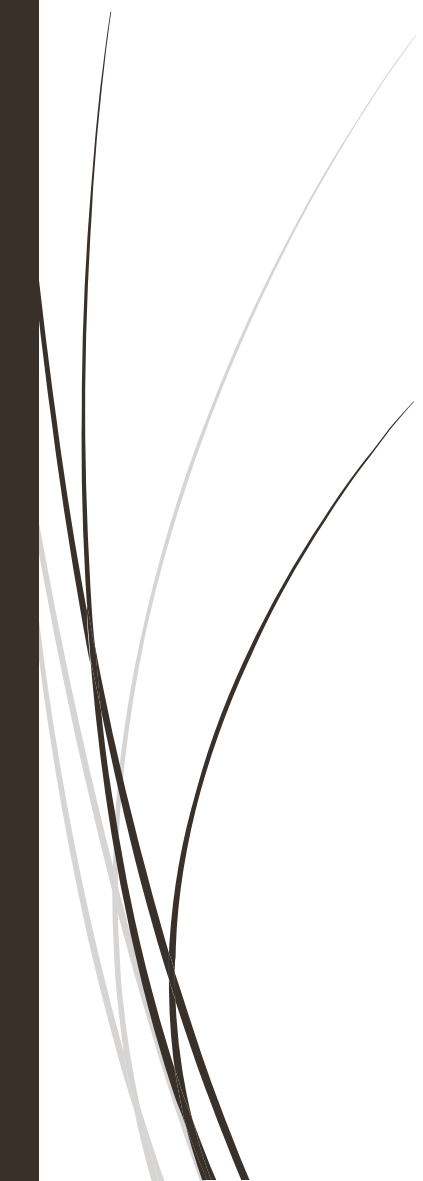
Se eram reduzidos os seus recursos iniciais, podia limitar sua empresa às mínimas proporções permitidas pela divisibilidade da mão de obra, isto é, a um escravo. Por último, se seus recursos não lhe permitiam mais que financiar o próprio sustento durante um período limitado de tempo, podia trabalhar ele mesmo como ‘fiscador’. Se lhe favorecia a sorte, em pouco tempo ascenderia à posição de empresário.



Em maior ou menor proporção, a faiscação sempre existiu na indústria aurífera da colônia. [...] O número de fiscadores tende [...] a crescer com o esgotamento das jazidas. O mesmo se dá quando começam a faltar recursos para aqueles aparelhamentos ou para reunir um número avultado de trabalhadores e instalar uma lavra de grandes proporções. Aparece então o fiscador. Quando este avulta, portanto, é sinal de decadência da mineração.



Minas Gerais: escravos e senhores

- ▶ Trabalho baseado em fontes primárias
 - ▶ Listas nominativas
 - ▶ Livros de arrecadação dos quintos
 - ▶ Censos populacionais
 - ▶ Localidades estudadas permitem analisar todas as fases da atividade aurífera
 - ▶ Predomínio de pequenas posses
 - ▶ Forros proprietários de escravos, sendo um grande número do sexo feminino
- 

Estrutura da posse de cativos

(Proprietários. Localidades mineradoras, 1718-1804)

Participação no total dos proprietários

Número de escravos Possuídos	Pitangui		Serro do Frio	Congonhas do Sabará		São Caetano	Vila Rica
	1718	1723	1738	1771	1790	1804	1804
1	4,1	16,3	37,6	26,8	33,1	19,2	35,3
2	24,4	17,0	18,4	17,4	19,4	21,2	19,6
3	4,1	15,6	10,1	14,0	9,7	18,3	12,6
4	14,3	9,6	7,8	5,5	9,7	4,8	9,6
5	10,2	11,1	4,5	7,2	3,2	6,7	5,2
1 a 5	57,1	69,6	78,4	70,9	75,1	70,2	82,3
6 a 10	30,6	15,6	12,0	12,8	16,1	15,4	12,2
11 a 20	8,2	8,9	5,9	12,8	6,4	8,7	4,4
21 a 40	4,1	4,4	2,8	2,6	2,4	2,9	0,8
41 e mais	-	1,5	0,9	0,9	-	2,8	0,3

LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos, In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Minas Colonial: Economia e Sociedade, São Paulo, FIPE/PIONEIRA, p. 31-55, 1982 (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).

Cativos

(Distribuição segundo sexo, 1718-1804)

Local	Ano	Escravos				Total*
		Homens		Mulheres		
		Número	%	Número	%	
Vila de Pitangui	1718	255	85,6	43	14,4	300
	1719	350	84,3	65	15,7	415
	1720	350	83,5	69	16,5	419
	1722	739	83,5	146	16,5	893
	1723	702	83,3	141	16,7	867
Serra do Frio	1738	6.627	83,5	1.310	16,5	7.937
Freguesia de Congonhas do Sabará	1771	860	73,1	317	26,9	1.350
Distrito de São Caetano	1804	454	66,7	227	33,3	681
Vila Rica	1804	1.649	58,0	1.190	42,0	2.839

LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos, In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Minas Colonial: Economia e Sociedade, São Paulo, FIPE/PIONEIRA, p. 31-55, 1982 (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).

Estrutura da posse de cativos

(Indicadores estatísticos da posse de cativos. Localidades mineradoras, 1718-1804)

<i>Localidade</i>	<i>Ano</i>	<i>Índice De Gini</i>	<i>Média</i>	<i>Moda</i>	<i>Mediana</i>
Pitangui	1718	0,403	6,1	2	5
	1723	0,532	6,4	2	4
Serro do Frio	1738	0,573	4,6	1	2
Congonhas do Sabará	1790	0,537	4,5	1	2
São Caetano	1804	0,573	6,5	2	3
Vila Rica	1804	0,502	3,7	1	2

LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos, In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Minas Colonial: Economia e Sociedade, São Paulo, FIPE/PIONEIRA, p. 31-55, 1982 (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).

Forros como proprietários

(Localidades mineradoras, 1718-1804)

<i>Local</i>	<i>Ano</i>	<i>Proprietários</i>			<i>Forros</i>		
		<i>Total (a)</i>	<i>Forros (b)</i>	<i>(b)/(a) (%)</i>	<i>Escravos Possuídos</i>	<i>(%)*</i>	<i>Média de Escravos Possuídos</i>
Pitangui	1722	124	3	2,4	9	1,0	3,0
	1723	135	4	3,0	10	1,2	2,5
Serro do Frio	1738	1.744	387	22,2	783	9,9	2,02
Congonhas do Sabará	1771	235	51	21,7	134	10,2	2,6
São Caetano	1804	105	1	1,0	3	0,4	3,0
Vila Rica	1804	757	22	2,9	49	1,4	2,2

(*) Porcentagem dos cativos possuídos pelos forros em relação ao total de escravos.

LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos, In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Minas Colonial: Economia e Sociedade, São Paulo, FIPE/PIONEIRA, p. 31-55, 1982 (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).

Forros como proprietários

(Distribuição segundo sexo, 1718-1804)

Localidade	Ano	Homens		Mulheres	
		Número	%	Número	%
Pitangui	1722	3	100,0	-	-
	1723	3	75,0	1	25,0
Serro do Frio	1738	143	37,0	244	63,0
Congonhas do Sabará	1771	24	47,0	27	53,0
São Caetano	1804	1	100,0	-	-
Vila Rica	1804	5	22,7	17	77,3

LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos, In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Minas Colonial: Economia e Sociedade, São Paulo, FIPE/PIONEIRA, p. 31-55, 1982 (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).

Cativos

(Estrutura etária, 1718-1804)

Faixas Etárias	Porcentagem na faixa	
	Serro do Frio (1738)	São Caetano (1804)
0 - 9	0,04	3,96
10 - 14	3,24	4,99
15 - 19	10,83	8,08
20 - 24	24,31	11,16
25 - 29	21,90	12,78
30 - 34	18,06	14,38
35 - 39	7,62	9,69
40 - 44	7,80	9,84
45 - 49	2,17	5,58
50 - 54	2,14	5,14
55 - 59	0,44	2,94
60 - 64	0,76	6,46
65 - 69	0,05	2,06
70 - 74	0,29	1,91
75 - 79	0,01	0,73
80 e mais	0,18	0,30
Não consta	0,16	-

LUNA, Francisco Vidal. Estrutura da Posse de Escravos, In: LUNA, Francisco Vidal & COSTA, Iraci del Nero da. Minas Colonial: Economia e Sociedade, São Paulo, FIPE/PIONEIRA, p. 31-55, 1982 (Estudos Econômicos FIPE-PIONEIRA).



Sobre a decadência econômica das gerações

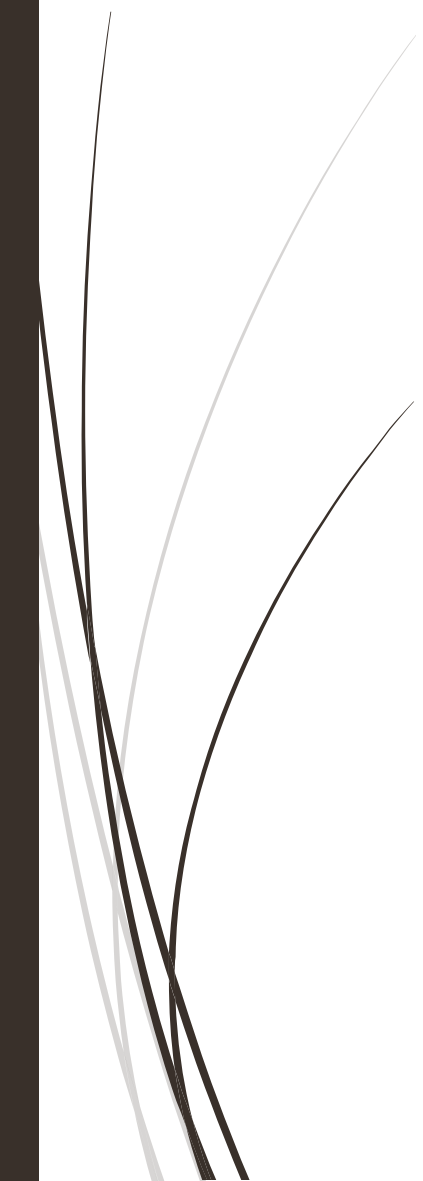


Partindo de Furtado

- ▶ Se tem um claro cenário de decadência
- ▶ Involução econômica rápida e completa
- ▶ Abundância de mão de obra permitiu o avanço rápido e intenso da cafeicultura



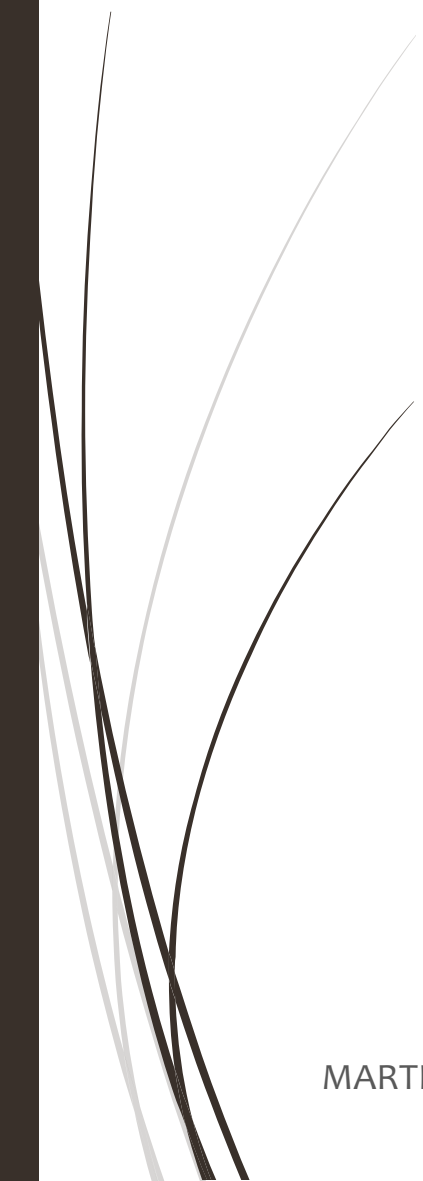

Roberto Borges Martins: Minas cresce em silêncio

- ▶ Growing in silence: the slave economy of nineteenth century Minas Gerais, Brazil. Tese de Doutorado: Vanderbilt University, 1980
- 

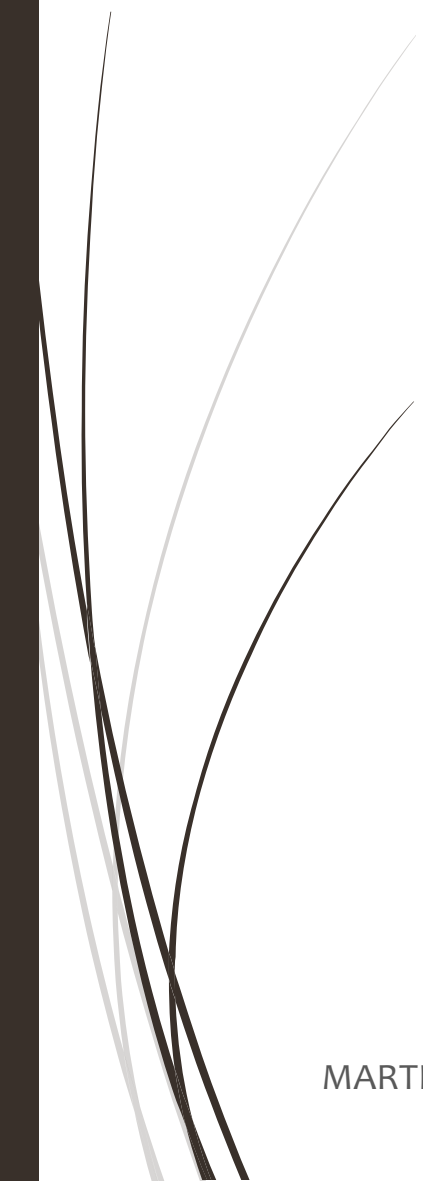

Brasil: crescimento da população escrava, por províncias, 1819-1872

	Escravos em 1819	Escravos em 1872	Taxa de Crescimento [porcentagem/Ano]
Amazonas	6.040	979	- 3,37
Pará	33.000	27.458	- 0,34
Maranhão	133.334	75.272	- 1,07
Plauí	12.045	23.924	+ 1,30
Ceará	55.439	31.913	- 1,03
Rio Grande do Norte	9.109	13.020	+ 0,67
Paraíba	16.723	21.526	+ 0,47
Pernambuco	97.633	89.028	- 0,17
Alagoas	69.094	35.741	- 1,23
Sergipe	26.213	30.119	+ 0,26
Bahia	147.263	167.824	+ 0,24
Minas Gerais	168.543	381.893	+ 1,53
Espírito Santo	20.272	22.659	+ 0,21
Rio de Janeiro	91.070	306.425	+ 2,31
Corte	55.090	48.939	- 0,22
São Paulo	77.667	156.612	+ 1,28
Paraná	10.191	10.560	+ 0,06
Santa Catarina	9.172	14.984	+ 0,93
Rio Grande do Sul	28.253	69.685	+ 1,72
Goiás	26.800	10.652	- 1,73
Mato Grosso	14.180	6.667	- 1,41
BRASIL	1.107.389	1.546.880	+ 0,63

MARTINS, Roberto Borges. Minas Gerais, século XIX: tráfico e apego à escravidão numa economia não-exportadora. *Estudos Econômicos* 13 (1): 181-209, jan./abr. 1983, p. 188.

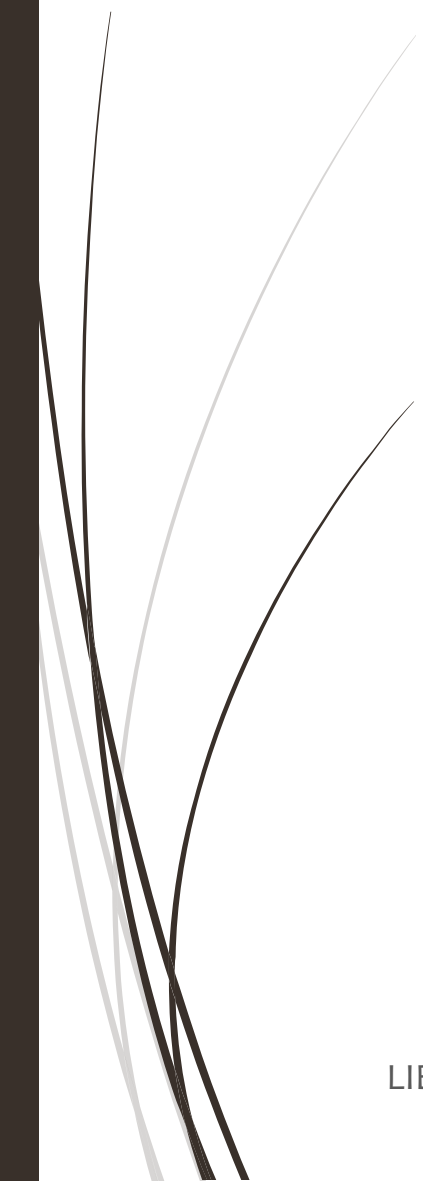



A ideia de que Minas tenha sido um exportador de escravos na primeira metade do século é contestada, mais que por qualquer outra evidência, pelo vigoroso crescimento da população escrava da província. Em 1808, Minas tinha 148.772 escravos, contingente esse que cresceu para 168.543 em 1819, constituindo-se na maior população cativa do Brasil e representando 15,2% do total.



Seu rápido crescimento entre 1819 e 1872 reforçou essa posição e a participação nessa última data passou a 24,7%. Nesse período, a população escrava de Minas cresceu a uma taxa cerca de duas vezes e meia maior que a média nacional e o seu aumento absoluto foi igualado apenas pelo do Rio de Janeiro.

Na época do censo, Minas Gerais tinha mais escravos que as dez províncias ao norte da Bahia, Goiás, Mato Grosso e Paraná, somados.



Afinal, como poderia uma economia estagnada, entregue ao miasma da produção para o autoconsumo, sustentar a maior população provincial do Brasil e manter o maior plantel de escravos de todas as unidades do Império ao longo do século passado? [...] o movimento revisionista, embora longe de alcançar um consenso, é enfático ao rejeitar as análises que insistem na decadência e na estagnação.



[...] é grande a multidão de frades que sobem às minas, e que sobre não quintarem seu ouro, ensinam, e ajudam os seculares a que façam o mesmo...

Relato anônimo